Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

O GAGO QUE HÁ EM MIM SAÚDA O GAGO QUE HÁ EM VOCÊ

Tiago Sanches Nogueira – tiagosanchesnogueira@gmail.com

Resumo: O presente trabalho discute alguns aspectos da formação do sintoma gagueira, em especial sua relação com a identificação imaginária e com a identificação simbólica. A partir da ideia de que o sujeito que gagueja está afetado por uma auto-imagem estigmatizada de falante – imagem essa resultante de suas relações com a chamada "ideologia do bem falar" – o autor apresenta algumas direções clínicas que podem ajudar o paciente que sofre com gagueira a desidentificar-se de uma certa imagem de mal falante, bem como fazer bom uso de seu sintoma.

Palavras-chave: Gagueira; Identificação; Savoir-faire e savoir y faire; Imagem.

São Paulo

2024

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

THE STUTTERER WITHIN ME SALUTES THE STUTTERER WITHIN YOU

Tiago Sanches Nogueira – tiagosanchesnogueira@gmail.com

Abstract: The present work discusses some aspects of the formation of the stuttering symptom, especially its relationship with imaginary identification and symbolic identification. Based on the idea that the person who stutters is affected by a stigmatized self-image as a speaker – an image resulting from their relations with the so-called "ideology of speaking well" – the author presents some clinical directions that can assist the patient struggling with stuttering in disidentifying from a certain image of a poor speaker, as well as making good use of their symptom.

Key words: Stuttering; Identification; Savoir-faire e savoir y faire; Image.

São Paulo

2024

É do conhecimento de todos que há um verdadeiro programa de estudos em Lacan que discute o "tornar-se analista" como um processo no qual, aquele que padece de um sintoma, ao final desse processo, se identifica com ele. Sem nos atermos especificamente aos termos que explicam esse processo, destacamos que uma das formas de compreender esse tipo de identificação que ocorre no "final de uma análise" é tomá-la como um processo de reconhecimento. *Reconhecer-se* no sintoma seria oferecê-lo como suporte de identificação para o sujeito que o porta. É exatamente essa a minha relação com a gagueira e por isso inicio aqui hoje a primeira de uma série de falas que pretendo ter sobre o modo como este sintoma afeta a mim e a minha prática como analista.

Um sintoma como o da gagueira é frequentemente denunciado pelo outro. Neste sentido, o sintoma se torna aquilo que podemos conhecer em nós mesmos através de um outro. Vale notar que, aqui, conhecer está diretamente ligado a um **saber-fazer**, ou seja, está ligado a um tipo de esclarecimento que tem efeito prático sobre o sujeito. Em Lacan, essa forma de esclarecimento está descrita sob duas formas: *savoir faire* e *savoir y faire.*

Se o saber-fazer diz respeito à aquisição de uma habilidade, *technê*, o *savoir y faire*, o "saber-fazer-aí" (saber se virar) comporta e articula o conhecimento como intimidade, distância e manipulação, situando-se do lado do bom uso do sintoma. Destaca-se aqui que seu valor de uso difere de seu valor de troca e laço com o Outro. Nosso paradigma aqui é o Joyce de *Finnegans Wake*, aquele no qual o *savoir y faire* se apresentou como um "saber-fazer-aí" no qual o próprio saber lhe está subtraído. Arte, artifício, poesia, porém sem a interrogação do saber que o determina. Lacan fala aqui da *métis*, essa inteligência hábil dos gregos que combina a fins práticos, a habilidade, a prudência, o saber-fazer, a sagacidade, a desenvoltura.

O saber-fazer que está em jogo na gagueira é o falar. Se tomarmos a fluência como um saber-falar[1], temos o seu termo contrário, a disfluência, a gagueira (saber-não-falar). A negação da fluência resulta em uma fala repleta de truques criados para adiar a gagueira (tais como as substituições de algumas palavras por outras), o que produz no sujeito uma fala artificial que implica a própria disfluência. Na ânsia de querer evitar a gagueira, tal artificialidade – que é a projeção da gagueira na fala não falada – produz a gagueira. Assim, o que chamamos de saber-fazer-aí é, precisamente, dar lugar a uma espontaneidade que permite uma produção natural de disfluência que, longe da idealização de uma fala perfeita, pode fluir normalmente.

Na busca pelo entendimento da gagueira encontrei uma autora chamada Silvia Friedman (1994). Ela constata que é necessário ao sujeito que sofre com a gagueira, adquirir a habilidade de gaguejar naturalmente "sem ser tocado pela ideologia do bem falar que veicula a não aceitação do padrão de fala espontânea do indivíduo" (FRIEDMAN, 1994, p. 33). Eis o *savoir y faire, o saber-*

[1] Algo que sabemos que não é bem assim, já que a fluência é, na verdade, saber-falar com todas as disfluências que estão presentes na fala normal, ou seja, é um saber-não-falar.

fazer-aí a ser conquistado nesse caso. Destaco aqui a menção da palavra "ideologia", pois ela nos será importante. Localizamos o "aí" do saber-fazer-aí exatamente nessa ilusão de padrão de fala que compõe uma ideologia que passa a determinar (e perturbar) a imagem de falante que o sujeito tem de si mesmo. Em outras palavras, é preciso fazer algo aí com essa ideologia.

A presença da palavra "ideologia" em Friedman nos remete à aproximação feita por Žižek (1992) entre esta e o conceito de fantasia em psicanálise. Se a fantasia é a cena imaginária que guia nosso desejo, ao mesmo tempo em que representa uma ação estuturadora, a ideologia funciona como uma espécie de "fantasia social" que representa uma realidade consistente cujo valor e significação é determinado por ela (a fantasia social).

Ora, se por um lado a ideologia do bem falar desprestigia a fala espontânea que é marcadamente disfluente, por outro ela é responsável por moldar o padrão de fala do sujeito. Tal como vimos acima, o valor e a significação dados a determinados padrões de fala parecem influenciar, sobretudo nas crianças, o modo como o sujeito gago estigmatiza sua imagem de falante. Nesse ponto, Friedman (1994, p. 33-34) afirma que aqueles adultos que por algum motivo não sustentam a fala infantil da criança, participam efetivamente da gênese da gagueira:

> A representação da criança como um adulto em miniatura, que se encontra aquém das possibilidades deste último, pode estruturar relações que desprestigiam as manifestações infantis, entre elas a produção de fala, independentemente da existência de disfluências. Tal desprestígio pode gerar na criança e, a partir daí, tornar-se, talvez um gerador de disfluências. A representação da criança como um adulto em miniatura pode, por sua vez, estruturar relações de excessiva exigência/cobrança da criança, o que também pode colocá-la sob tensão. De um modo ou de outro, essa representação está ligada à ideologia do bem falar.

Há na gênese da gagueira, portanto, uma fundamental participação da identificação imaginária que, em Lacan, está associada à instância freudiana do eu ideal. É essa instância que liga o "eu" ao seu outro imaginário, completando a identidade do sujeito consigo mesmo: o sujeito tem que se identificar com o outro imaginário, se alienar, colocar sua identidade fora dele na imagem de seu duplo, apoiando-se na ilusão do "eu" como agente autônomo. Essa auto-experiência imaginária é, para o sujeito, a maneira de desconhecer sua dependência radical do Outro.

A identificação imaginária é sempre identificação para um certo olhar do Outro. Por estar vinculado ao supereu arcaico, tal olhar funciona, em certa medida, como um olhar injuntivo que, segundo Didier-Weill (1997), diz para o sujeito que não há nada a ser visto nele além daquilo que se dá a ver. O drama aqui é justamente não haver nenhuma alteridade que possa ser subtraída a esse olhar. "Que olhar é considerado quando o sujeito se identifica com uma certa imagem? Para quem o sujeito desempenha esse papel?" Perguntas feitas por Žižek (1992), cuja resposta é: para o Outro, de

cujo olhar injuntivo é preciso se separar. Žižek utiliza como recurso para pensar essa separação o par hegeliano "para o outro / para si".

O neurótico vive como alguém que desempenha um papel para o Outro. Sua identificação imaginária e seu "ser-para-o-Outro" faz da psicanálise aquela que pode levar o sujeito a se aperceber de como ele mesmo é esse Outro para quem está desempenhando um papel. Nas palavras de Žižek, o "ser-para-o-Outro" é seu "ser-para-si", porque ele próprio já está simbolicamente identificado com o olhar para o qual desempenha esse papel.

Contudo, não esqueçamos que a identificação imaginária é subordinada à identificação simbólica. Esta última refere-se ao que Freud nomeia como ideal do Eu. Trata-se da identificação do sujeito com algum traço significante do Outro. Será esse traço o significante que representa o sujeito para um outro significante – traço que assume a forma concreta num nome ou numa missão de que o sujeito se encarrega e/ou que é depositada nele. Para Žižek, a identificação simbólica está para o sobrenome (nome da família, Nome-do-Pai) assim como a identificação imaginária está para o nome (ponto de identificação imaginária)

A identificação imaginária funciona como um "designador rígido" e não como uma simples descrição. Quando essa forma imaginária se articula com o ideal do eu temos como resultado aquilo que a ideologia do bem falar designa "gago". Essa identificação simbólica domina e determina a identificação imaginária do sujeito, ou seja, essa imagem pela qual ele crê ser desejado. O resultado disso é a designação de um "nome fantasia" ao qual o sujeito fica profundamente subordinado.

A subordinação a esse nome fantasia espolia o sujeito de seu incógnito íntimo, expondo-o à experiência de ser adivinhado pelo olhar do Outro. Didier-Weill (1997) lembra que o desaparecimento desse incógnito leva o sujeito a uma situação de transparência que será vivida como a experiência de uma perseguição; uma experiência traumática, na qual o sujeito perde sua aparência unicamente porque, num preâmbulo lógico, ele perde o uso da palavra.

O nome fantasia funciona como uma significação absoluta que constitui o contexto pelo qual concebo o mundo como consistente – mundo em que a fantasia serve de anteparo para ocultar a inconsistência da ordem simbólica. "A fantasia esconde o fato de que o Outro, a ordem simbólica, se estrutura em torno de uma impossibilidade traumática, em torno de algo que não pode ser simbolizado" (Žižek, 1992, p. 121). **Ser dito gago pelo Outro** – dizer fundamentado nessa ideologia do bem falar – produz uma resposta sintomática, que realiza numa imagem o compromisso entre aquilo que o sujeito acha o que o Outro quer e a impossibilidade desse querer. O nome fantasia que não deixa de ser uma imagem à qual o sujeito está identificado, traz a miragem de que a relação (sexual) existe.

Žižek (1992) formula um método básico de crítica a qualquer ideologia. Trata-se do procedimento de identificar, num dado edifício ideológico, o elemento que representa sua própria

impossibilidade. No caso da gagueira, é a própria ideia de fluência que surge como impossibilidade estrutural da fala. Se a chamada gagueira normal é imanente ao ato de fala, o edifício ideológico da ideologia do bem falar se estrutura como uma luta contra esse elemento que ocupa o lugar dessa impossibilidade. O excesso de consistência dado ao Outro aqui impede que o sujeito reconheça nesses sons que estão "a mais" em sua fala um processo normal e espontâneo do falar. Tais excessos – quando *des-identificados* da raiz ideológica que sustenta esse tipo de discurso traumático – caem e se tornam restos, fazendo com que aquilo que antes era simbolizado como gagueira sofrimento[2] passe a ser simbolizado pelo sujeito como gagueira normal.

A questão a ser destacada é que o sujeito da gagueira sofrimento se identifica com a mensagem do Outro que diz: ele "sabe-não-falar". Nessa posição, a fluência é uma competência a ser adquirida. Contudo, é necessário que alguém (esse alguém pode ser o analista ou o fono), faça o sujeito saber (fazer-saber) que, antes de mais nada, é a habilidade de disfluir que precisa ser garantida, pois só assim é possível saber-falar com a fluência da gagueira normal.

Ser dito pelo Outro resulta numa marca, num tipo de nomeação que, caso "congelada" ou sedimentada, torna-se um mal-dito que produz identificação a uma imagem totalizante (mau-olhado). Minha hipótese é que esse tipo de "colamento" no dito do Outro engendra perturbações na articulação da fala. Aqui estamos diante da força do "tu és".

O trauma do nascimento do sujeito diz respeito, na verdade, à fundação desse espaço intervalar no qual poderá dizer "Eu" no momento em que o Outro diz "Tu". O "tu" enunciado pelo Outro está impregnado pela dimensão mortífera do significante, o "tu és", que foi frequentemente trabalhado por Jacques Lacan em diferentes passagens de seu ensino. A homofonia comentada por Lacan entre o o *Tu est* (tu és) e o verbo *Tuer* que em francês significa "matar" denota o perigo de o sujeito tomar como verdade o saber contido neste "tu és" vindo do Outro. Trata-se do poder de destruição de tal designação, que diz respeito ao efeito de redução do sujeito a um "sou apenas isso que o Outro diz".

Se tomarmos o "tu és" como um saber não subtraído à verdade, mas com ela coincidindo, ele resultará numa presença absoluta do Outro que se tornará radicalmente consistente para o sujeito. Na prática, vemos que isso leva o sujeito a responder imperativamente conforme "A" verdade supostamente enunciada no "tu és". O impasse aqui diz respeito à luta entre o ser e o sentido. Se o sujeito escolher o sentido que o Outro lhe oferece ao dizer "tu és", teremos consequentemente o seu

[2] De acordo com Friedman (2004), pode-se diferenciar a gagueira sofrimento da gagueira natural. Esta última pode se transformar em gagueira sofrimento, em consequência de situações paradoxais de comunicação. Estas são entendidas como paradoxais porque levam o indivíduo a um duplo vínculo: ele não pode sair da situação em que se encontra (já que a fala, mesmo que gaguejante, faz parte da condição humana) e ao mesmo tempo não pode ficar do modo como está. A partir daí surgem tentativas de acertos na fala, acarretando tensões e comportamentos muitas vezes não aceitos pelo meio social, criando a visão estigmatizada. Assim, a gagueira sofrimento vem a constituir-se como um reflexo do olhar do outro sobre o padrão de fala difluente da criança, sendo esse olhar, por sua vez, reflexo de uma representação estigmatizada da disfluência.

desaparecimento. Todo o tratamento da gagueira implicaria então a ajudar o sujeito a contradizer aquilo que parece ser o que há mais de real nele. Em outras palavras seria construir a ideia de que: "eu não sou apenas isso". Isso o quê? Isso que o outro vê.

Um jovem é trazido para análise. Ele tem 16 anos e tem uma quantidade razoável de diagnósticos: dislexia, disgrafia, déficit de atenção. Quando abre a boca, já mostra que é gago. Será que isso tem a ver com alguma coisa destes diagnósticos todos? – me pergunto silenciosamente. Não importa. O que importa é o que ele diz e o que ele diz é impressionante: O menino tem amigos, tem uma turma e apesar de suas dificuldades sérias ele tem uma vida normal. Inclusive sua gagueira é destacada pelos amigos como um elemento interessante de sua vida.

Logo no começo do tratamento ele se estranha com seu analista. Ele escuta o analista falando e, desconfiado, pergunta: "Você é gago"? Sim, diz o analista. "Você é gago mesmo ou está só me imitando?" – perguntou o menino seriamente achando que o analista pudesse estar tirando uma com a cara dele. "Sim, sou gago mesmo. Tenho a mesma marca que você tem em sua fala" – responde o analista um pouco mais a vontade. "Ah tá, porque se você não for não precisa falar assim comigo. Pode falar normal".

O impacto, o efeito tanto nele quanto no analista de falar de igual para igual, no mesmo lugar de anormalidade, era um alívio. Do lugar de "não-normais" eles poderiam falar de tudo. O paciente se sentiu seguro e dali em diante pôde se colocar a falar sobre as mulheres que ele desejava. Em uma de suas últimas sessões ele vem com uma camisa do time de futebol de sua turma. Os colegas de sala desenharam o uniforme e, apesar de não jogar bola, o paciente também recebeu uma camisa cujo nome escrito pelos seus colegas na parte de trás apontava para um tipo de laço muito especial e bonito que ele fazia com os amigos: *Jo-Jo-Jo-ão.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIDIER WEILL, A. *Os três tempos da lei: o mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997

FRIEDMAN, S. *A construção do personagem bom falante*. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

_____. *Gagueira*: origem e tratamento. São Paulo: Plexus, 2004.

LACAN, J. (1968-1969). *O Seminário, livro 9: A identificação.* Tradução do, Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.

ŽIŽEK, S. *Eles não sabem o que fazem: O sublime objeto da ideologia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.